

Vergonha de amar: força da diferença na relação de Riobaldo e Diadorim

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira*

Resumo

Abordagem do jogo entre desejo e repressão no percurso pelos tortuosos caminhos que conduzem de Eros para Tanatos na relação de Riobaldo e Diadorim, personagens de **Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa. Importância do controle de Eros – manifesto como caminho no sentido da vida – para o bom andamento das relações do grupo. Tanatos – movimento que nega a vida – e a anulação dos impulsos naturais através da violência e da rejeição. O código ético do sertão. A força da diferença na determinação da sexualidade. Tabu e vergonha de amar. Mascaramento do saber pelas armadilhas do olhar. O objeto do desejo e o falseamento do visto. O ver e o saber ver. Amor, ciência e segredo.

Palavras-chave: Eros e Tanatos; Amor e vergonha; Ciência e segredo; Tabu.

No jogo entre olhar e olhado, entre o que se olha e o que se vê, na tensão entre o mostrar-se e o esconder-se, abre-se um espaço de silêncio, que é preenchido pelo observador. Todavia, esse observador, muitas vezes, é apanhado pelas armadilhas do olhar. O real, o digno de fé, será o que fica na superfície das coisas? Dividido entre o ser e o parecer ser, ludibriado pelas máscaras que falseiam o visto, cegado por preconceitos, o observador se perde nas veredas do imediato. Olha, mas não vê.

Neste ensaio será, pois, seguida a trajetória de Riobaldo e Diadorim no drama vivido no sertão, no romance **Grande sertão: veredas**,¹ de João Guimarães Rosa, onde impera uma lei moral, rígida, com força de tabu, determinado a sexualidade segundo os gêneros. Considerando-se que ciência é o conhecimento atento e

* Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

¹ ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. As subseqüentes citações deste texto serão feitas por esta edição, indicando-se a sigla GSV, seguida do número da página em algarismos arábicos.

aprofundado de alguma coisa, consistindo em um processo racional usado pelo homem para se relacionar com a natureza e constando-se, ao longo do monólogo de Riobaldo, que ele não tem o conhecimento da natureza de Diadorim, não tem ciência, não sabe, será seguida – na tentativa de decifração do enigma que orienta o comportamento dessas personagens, marcadas pela força do desejo e impedidas de viverem um grande amor por se sentirem tolhidas pelo tabu que as cerceia – a longa travessia empreendida pelo narrador, buscando-se mostrar o jogo entre Eros e Tanatos, entre ser e parecer ser, determinando-lhes a rota falseada pelo olhar.

Ante a passagem do tempo, Eros e Tanatos entram em acirrado combate. Entretanto, por mais complicados que sejam, os caminhos da vida conduzem à morte. Existem, segundo Freud, dois grupos de instintos que orientam o funcionamento mental: instintos de vida (Eros) e instintos de morte (Tanatos). Visando a realizar o homem tanto em suas potencialidades biológicas quanto psicológicas, o *princípio de prazer* regula o curso tomado pelos eventos mentais. Todavia, para viver em sociedade, o homem se vê constrangido a abster-se do prazer imediato e incerto, em benefício de um prazer adiado e garantido, embora limitado. O *princípio de prazer* é substituído pelo *princípio de realidade*. Estatuída esta ordem, o homem deixa de ser um feixe de impulsos animais e se converte em um ser racional. Porém, esses prazeres adiados, esses instintos reprimidos, estão constantemente em conflito, reivindicando seus direitos (FREUD, 1976).

Para Freud, a história do homem marca-se pela história de sua repressão que se constata não só individualmente, mas dentro da própria sociedade, onde se vai organizando um sistema de domínio dos mais fracos pelos mais fortes, colocando-se Tanatos a serviço do organismo social. E o homem, conforme o contexto social em que viva, vai sendo reprimido adequando-se às exigências do grupo que podem ser de vária ordem. Existem tanto as coações que buscam massificar o homem, reduzindo-o a um esquema de igualdade, para que se torne mais fácil enquadrá-lo dentro de certos padrões de expectativa dominantes, como o que se observa nos grandes centros urbanos; quanto existem coações impostas em grupos de diferente organização social, fora desses conglomerados urbanos. A coerção de hábitos indesejáveis pode tornar-se verdadeiramente cruel na sociedade industrial, coerção denominada por Herbert Marcuse de “mais-repressão”, em sua interpretação filosófica do pensamento de Freud (1972), no livro **Eros e civilização**:

... embora qualquer forma do princípio de realidade exija um considerável grau e âmbito de controle repressivo sobre os instintos, as instituições históricas específicas do princípio de realidade e os interesses específicos de dominação introduzem controles *adicionais* acima e além dos indispensáveis à associação civilizada humana. Esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de *mais-repressão*. (p. 52)

Esse processo organizador da vida em grupo muitas vezes é orientado por *tabus*, que têm mais força que qualquer lei determinada pelo homem, porque funciona como um princípio de linhas rígidas, interiorizado e inexorável, envolvendo veredas que conduzem ao sagrado, ao misterioso, ao proibido, ao impuro, ao perigoso. Segundo Freud, tabu é um termo polinésio, difícil de ser traduzido, porque perdeu para a nossa cultura o conceito a que estava conotado, trazendo em si um sentido de algo inabordável, que se exprime, sobretudo, por proibições e restrições. Assim, entre os povos primitivos, o termo está ligado a um sentido de proibição:

Tudo é proibido, e eles não têm nenhuma idéia por quê, e não lhes ocorre levantar a questão. Pelo contrário, submetem-se às proibições como se fossem coisa natural e estão convencidos de que qualquer violação terá automaticamente a mais severa punição. [...] Essas proibições dirigem-se principalmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação. Em alguns casos têm um significado compreensível e visam claramente a abstinências e renúncias. (FREUD, 1999, p. 31)

Para o bom andamento da vida em grupo, é de suma importância o controle de Eros que se manifesta como o caminho no sentido da vida, buscado através do desejo de amor e de liberdade. Tanatos, que se manifesta como um movimento que nega a vida, negação que se realiza, anulando esses anseios através da violência e da rejeição, funciona como controlador desses impulsos naturais.

Já na **Bíblia**, quando Adão e Eva saem da infância e entram na vida adulta, ou seja, perdem a inocência e descobrem Eros, esse amor passa a ser controlado por um sentimento de vergonha: “No mesmo ponto se lhe abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus; e tendo cosido umas com outras, umas folhas de figueira, fizeram delas umas cintas” (**Bíblia Sagrada**, 1972, Gen., 3, 20).

Um conjunto de situações impede Riobaldo de ver com clareza, turvando-se-lhe o olhar: a lei do sertão com força de tabu, a valorização da diferença entre os gêneros, e, conseqüentemente, a vergonha de amar. Esse conjunto prejudica o caminhante na busca de conhecimento da verdade, deixando Riobaldo na superfície dos fatos, sem se aprofundar na investigação das pistas, declarando logo no início de seu longo monólogo: “Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim penso também – mas Diadorim é a minha neblina” (GSV, p. 22).

Entre as várias definições de vergonha levantadas para a realização deste trabalho, duas se mostraram bastante apropriadas aos objetivos propostos: “medo da desonra” e “degradação infamante”.

Seguindo-se a narrativa de Riobaldo, verifica-se que ele sofre a carga de duas situações ligadas ao sentimento de vergonha. Primeiro, quando se conscientiza do amor por Diadorim. Vê-se tomado de vergonha, como um sentimento penoso de baixeza, de confusão, como se estivesse passando por degradação infaman-

te. Embora fosse apenas um sentimento, não um ato, independente de controle, ele se sente tomado de desconforto. Segundo, sente-se inseguro com a possibilidade de vir a ceder aos encantos de Diadorim, por medo da desonra. A vergonha nasce de um complexo de situações: estar exposto ao julgamento alheio, em condição de inferioridade, como observado, e, ao mesmo tempo, comungar com o ponto de vista dos julgadores.

Existe, ainda, uma relação forte entre o sentimento de vergonha e o segredo. No longo monólogo que é a escritura de sua relação com Diadorim, Riobaldo talvez não se sinta violentado, invadido de forma humilhante em sua intimidade, porque ele conhece toda a urdidura da narrativa. Sabe que, no final, o interlocutor vai, junto com ele, conhecer a verdade e sentir compaixão pelo sacrifício de amor, em benefício de um código de honra, que não se justificava, uma vez que nem tudo era o que parecia ser.

No percurso pelas voltas da memória, Riobaldo sabe que, apesar da vergonha sentida, ama Diadorim, em segredo para ele mesmo:

O senhor saiba – Diadorim: que bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia. (GSV, p. 369)

Honra e vergonha são sentimentos muito próximos, em parte, complementares. A conduta de Riobaldo está ligada ao sentimento de honra. No conflito entre ceder aos apelos da sedução, deixando-se levar pelo amor de Diadorim ou sufocar esse amor em nome da honra e da manutenção do respeito do grupo, ele se decide pela segunda alternativa. Embora ame Diadorim, acima de tudo está o sentimento de honra, valor tanto relacionado a si próprio, quanto ao grupo em que se insere. Assim, cedendo ao ato, à desonra, à perda do auto-respeito, ele se sentiria sufocado pela vergonha, uma vez que “uma pessoa se desonra quando age contra os valores morais aceitos por ela e pela comunidade moral a que se sente pertencer, e tal desonra é vivida como vergonha” (LA TAILLE, p. 166).

Para pertencer ao grupo, Diadorim teve que se marginalizar, com vergonha da sua diferença. A força da diferença era tão significativa que teve que se fingir de homem, esconder o gênero a que pertencia, para se fazer respeitar. E se tornou forte como qualquer um do bando. Já Riobaldo assume a diferença pela força da ética do sertão, da valorização do masculino. Tocar alguém do próprio gênero funciona como *tabu*. Torna-se um medo de amar tão obsessivo, tão demoníaco, que a própria direção do pensamento para o objeto proibido já seria *tabu*. Em seu inconsciente, Riobaldo deseja violar esse *tabu*, mas o medo da infração do proibido é mais forte que o desejo. O percurso no jogo de sedução e negaceio, de desejo e

camuflagem do sentimento, é lento e vai sendo tramado no narrar de Riobaldo que explica: “Esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora coisas divagadas” (GSV, p. 19).

Riobaldo busca a “norma de um caminho certo” (GSV, p. 366), para um destino já projetado, mas difícil de ser encontrado sozinho pelo caminhante. Essa busca se realiza ao longo da narração do ocorrido, uma história de amor que retoma o velho tema da *anagnorisis*, um encontro no passado entre ele e o menino Reinaldo, que mais tarde se transformará em reencontro, quando o rapaz de então lhe conta o “verdadeiro” nome, Diadorim, e lhe pede que fique só entre eles, como um segredo. Narrar o acontecido é a tentativa de entender o sentido de sua travessia. Aliás, os sentimentos transitam em segredo, em meias palavras carregadas de sutileza, em toques mascarados, como se fossem os toques de dois amigos, todo um percurso do não-dito, em que tudo poderia ter sido diferente se as verdades fossem definidas.

Esse amor secreto, proibido, transita entre as personagens através do olhar. Mas o olhar de Riobaldo é nebuloso, é camuflado pela neblina, ele não aprofunda as pistas. Já no primeiro encontro, quando conhece Diadorim ainda menino, chamado pelo nome de Reinaldo, não sabe ver que o comportamento dele é feminino, quando em uma situação de confronto, ele se defende das insinuações indecentes de um estranho com negaceios de cobra:

... por detrás de nós, sem avisos, apareceu a cara de um homem! As duas mãos dele afastavam os ramos do mato, me deu um susto somente. Por certo algum trilho passava perto por ali, o homem escutara nossa conversa. À fé era um rapaz, mulato, regular uns dezoito ou vinte anos; mas altado, forte, com feições muito brutas. Debochado, ele disse isto: – “Vocês dois, uê, hem?! Que é que estão fazendo?...” (GSV, p. 84-85)

E, julgando que os dois estivessem em conluio proibido, fez proposta indecorosa: “E eu? Também quero” (*Ibidem*, p. 85). Enquanto Riobaldo dava explicações dizendo que não estavam ali fazendo sujices, mas espreitavam o rio, a atitude do menino Reinaldo foi bem diferente. E ele narra:

Mas o que eu menos esperava, ouvi a bonita voz do menino dizer: – “Você, meu nego? Está certo, chega aqui...”. A fala, o jeito dele, imitavam de mulher. Então era aquilo? E o mulato satisfeito, caminhou para se sentar juntinho dele.

Ah, tem lances, esses – se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutu dá e já deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro. Varou o mato, em fuga, se ouvia aquela corredoura. O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido o ferro na coxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía do lugar. E limpou a faca no capim com todo o capricho. (GSV, p. 85)

No reencontro das personagens já adultas, colocam-se as balizas que determinam o destino delas, pela força da diferença, pelo medo de enfrentar o grupo:

E ele se chegou e eu me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi. O menino me deu a mão: e o que a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava Reinaldo. (GSV, p. 107-108)

Este amor cresce como um feitiço, como se fosse armação do diabo. E Riobaldo narra:

Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra os vícios desconhecidos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. (GSV, p. 114)

Mesmo quando é tocado pela beleza de Diadorim, pelo verde dos olhos dele, “dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto” (GSV, p. 374), ele repele a visão, a tentação de quebrar o tabu: “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?!” (GSV, p. 374). Ele afasta a tentação, preso ao código ético do sertão, ele o chefe: “O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa” (GSV, p. 374).

Nas idas e vindas, nos negaceios desse amor impossível e proibido, no esforço de calar qualquer palavra, há um momento de descuido, e enquanto, no escuro, pensa nos olhos dele, Riobaldo escorrega nas armadilhas do jogo de sedução:

E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei e falei: ... *Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos...*, o disse vagável, num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz dum verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. — *O senhor não fala sério* – ele rompeu e disse, se desprazendo. “O senhor” – que ele disse. Riu mamente. Arrepiou como recaí em mim, furioso com meu patetear. — *Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso...* – eu disfarcei, afetando que tinha sido brincadeira de zombarias, recompondo o significado. (GSV, p. 437)

A conscientização desse amor transita entre as personagens em silêncio e segredo, sabedoras do amor que lhes penetra o ser, mas negado por ambas a ser declarado. Diadorim sente-se violentado quando Riobaldo, descuidado, deixa escapar uma ponta da linha, dizendo “meu bem” e tornando manifesto o desejo de espiar a cor dos olhos dele. Ele se assusta e se põe em guarda, fiel ao cumprimento do papel, à manutenção do segredo. Espera que o outro, mesmo consciente desse amor, permaneça respeitador da regra da diferença.

No cumprimento do papel de sua personagem, Diadorim também não abre mão de sua macheza. Todavia, com a proximidade do encontro com Hermógenes, objetivo do grupo de jagunços para vingar a morte de Joca Ramalho, ele se agarra a um fio de esperança, um segredo que, depois da missão cumprida, poderá ser revelado: “Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa eu vou contar a você...” (GSV, p. 386).

Todavia, Riobaldo não decodifica o enigma. O ver vem camuflado, impedindo a conscientização da verdadeira face, oculta pela máscara da vestimenta, uma armadura que Diadorim, no resguardo de sua diferença, mantinha como proteção. Assim, ao saber da morte de Joca Ramiro, Diadorim passa mal e vai ser socorrido pelos companheiros. Mas antes que alguém possa invadir-lhe o segredo, ele se recompõe:

Caiu tão pálido como cera do reino, feito um morto estava. Ele todo apertado em seus couros e roupas, eu corri para ajudar. A vez de ser um desespero. O Paspé pegou uma cuia d’água, que com os dedos espiçou nas faces do meu amigo. Mas eu nem pude dar auxílio: mal ia pondo a mão para desamarrar o colete-jaleco, e Diadorim voltou a seu si, num alerta e me repeliu muito feroz. Não quis apoio de ninguém, sozinho se sentou, se levantou. (GSV, p. 225)

Pelo toque, pela maciez da pele, pela cor dos olhos, Riobaldo olha as características do feminino que lhe poderiam dar pistas para o saber, mas se deixa cegar pelo medo de amar alguém do mesmo gênero, a extrema vergonha. Assim, o tabu funciona como venda para o olhar, turvando-lhe a visada pesquisadora que poderia abrir-lhe as vias para o conhecimento. Riobaldo fica no nível das aparências, preso nas malhas superficiais da tessitura, acovardado pelo preconceito. Não sendo capaz de ver, não pode chegar ao objeto do desejo. Como o velho Édipo, não se aprofunda nas pistas e o saber lhe é negado.

O segredo é revelado tarde demais. Depois de Diadorim ser morto no confronto com Hermógenes, Riobaldo descobre, desesperado, a verdade no corpo nu sendo preparado para o enterro: “Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia...” (GSV, p. 454). Nas artimanhas do destino, Diadorim, nascido Maria Deodorina, conforme o batistério, encontrado por Riobaldo,

registrava a sina dela que “nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (GSV, p. 458). Seria trama do diabo?

Até então, Riobaldo não tinha o conhecimento da natureza de Diadorim, não tinha ciência, não sabia. Conduzido pelo instinto, Riobaldo amava o lado feminino dele, guardado em segredo por uma barreira de roupas. Só com a morte dele e o corpo nu descobre a verdade falseada pelas máscaras, tem ciência da realidade.

Silêncio e segredo perdem sentido, ante a evidência do visto, ante a conscientização da verdade, da diferença que abre as vias para o permitido. Riobaldo verbaliza o sentimento então possível: “Meu amor!” (GSV, p. 454). Todavia, a declaração perde sentido, mesmo verbalizada continua silenciosa, porque não pode ser decodificada pela parte interessada. Por maquinações “diabólicas”, a mensagem não chega ao receptor. Riobaldo se culpa por não ter tido olhos para ver, para ler na figura de Diadorim, tão feminina, a verdade, cego que estava, submetido ao código ético do sertão, separando os seres pelo tabu que determina a sexualidade segundo os gêneros.

Riobaldo se culpa por não ter tido ouvidos para escutar os sussurros do não-dito, não soube ver o corpo, dissimulado pelas máscaras que vestiam a verdade, guardada secretamente nas fissuras do texto-mulher, disfarçado pela vestimenta enganadora, pelas roupagens do sertão. Mesmo quando sondava o outro, quando sentia pelo toque a maciez da pele, cegado pelo preconceito, pela vestimenta, ele não foi capaz de ver, de decifrar no trançado do tecido a verdade reveladora. O segredo já não pode, então, ser compartilhado. Está condenado ao silêncio, aprisionado nas malhas do discurso. Eros é sufocado por Tanatos.

Abstract

Approach to the play between desire and repression in the path along the tortuous ways that lead to Eros and Thanatos in the relation of Riobaldo and Diadorim, characters of **Grande sertão: veredas**, by João Guimarães Rosa. Importance of the control of Eros – manifested as a path leading to life – to the development of good relationship among the group. Thanatos – a movement that denies life – and the annulment of natural impulses through violence and rejection. The ethical code of the Brazilian backlands. The force of difference in the determination of sexuality. Taboo and the shame to love. Concealment of knowledge by the traps of seeing. The object of desire and the deceit of what is seen. Seeing and knowing how to see. Love, science and secret.

Key words: Eros and Thanatos; Love and shame; Science and secret; Taboo.

Referências

BÍBLIA Sagrada. Rio de Janeiro: Barsa, 1972.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Eros e Tanatos no universo textual de Camões, Antero e Redol**. São Paulo: Annablume, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

Amores, senões, destinos... ou Grande oceano: ilhas

Maria Helena Nery Garcez*

Resumo

Confronto **GSV** e **Mau tempo no Canal** de Vitorino Nemésio. Aparentemente muito dissemelhantes, pertencem à grande linhagem das obras que discutem as relações do homem com as forças que o superam. **MTC** tem mais vínculos com **O Livro de Jonas**, **Moby Dick** e a tragédia clássica; **GSV** está mais próximo do **Livro de Jó** e da espiritualidade cristã.

Palavras-chave: Guimarães Rosa numa visão comparatista; Guimarães Rosa e a tradição metafísica; Guimarães Rosa e Vitorino Nemésio; **Grande sertão: veredas** e **Mau tempo no Canal**.

A primeira vista, pouco de comum entre o romance de Guimarães Rosa (1908-1967) e **Mau tempo no Canal**, de Vitorino Nemésio (1901-1978). De fato, bastante diversa é a geografia dos espaços ficcionais, os enredos, seu elemento humano retratado, as técnicas narrativas, as sociedades aonde transcorrem as ações. Diverso o valor estético atribuível a cada um: o **Grande sertão: veredas**¹ é, sem dúvida, superior. Diversos, mas análogos.

O romance de VN (1944) surgiu quando, em Portugal, já se instaurara o neorealismo. **MTC**, embora evidencie um espaço social injusto, não pertence àquela poética. Por sua vez, o de GR (1956), criação de uma região brasileira de traços fortemente marcados, também não pode ser incluído no regionalismo. Ambos desenvolvem uma densa trama em que o espaço, muito característico, é decisivo, impondo, a todo instante, sua presença, mas aonde também, a todo instante, o drama humano o supera e transcende. Nele, as personagens, em complicadas rotas, exteriores e interiores, deparam com seus oásis: veredas, para o homem do

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ Doravante utilizarei as iniciais **MTC** e **GSV** para referir-me aos romances de Vitorino Nemésio e Guimarães Rosa e as iniciais **VN** e **GR** para seus autores.